

*distância de meia légua; [...] que de muita boa vontade se prestará a toda e qualquer hora do dia, gratuitamente.*⁵⁵

Encantamentos, sortilégios, benzeduras e esconjuros, permeavam outras práticas de curas. Segundo Nava,⁵⁶ com a chegada da família Real, no ano de 1808, alguns médicos vieram residir no Brasil, propiciando assim a fundação do ensino médico-cirúrgico, como também de estudos naturalísticos, representados por alguns botânicos que avaliavam as riquezas naturais desconhecidas no mundo lá fora. Apesar de serem homens da ciência, estes estudiosos tinham em si, fortemente marcados, o modelo da velha sociedade agrária, lugar de misticismo acrescido e influenciado talvez pelo imaginário fantasioso das grandes conquistas. Assim é que, no Brasil, desde a formação colonial e muito após o Reinado, existiam além de antagonismos sobre as variadas formas de relacionar com a saúde e a doença, idéias de uma ciência confusa, mesclada de alquimias, misturadas às práticas daquele povo profundamente influenciado por uma religiosidade austera, autoritária, mas também de uma memória de crenças mágicas e místicas. A história da medicina no Brasil português é, portanto, caracterizada pela mescla de tradições, práticas e conhecimentos variados. Segundo Sérgio Buarque de Holanda,⁵⁷ a palavra *doença* era entendida de uma forma genérica – *doente* – era tudo o que impingia dor física: *uma frechada*, um ferimento causado por algum *animal bravo*, ou a *febre maligna*.

A medicina e a magia primitivas não conhecem nenhuma distinção nítida entre malefícios e moléstia. Assim, por exemplo, a mesma reza que serve para aliviar uma parturiente, poderá resguardar um indivíduo de qualquer acidente funesto, preservá-lo do mau-olhado ou imunizá-lo contra a infecção do ar ruim.⁵⁸

A partir desses dados apreendemos os conhecimentos contidos na arte de curar no Brasil. Uma mistura de proibições em que o puro, impuro ou sagrado se mesclavam, e quase nada podia ser excluído e, ainda, a incorporação inevitável da riqueza das plantas com poder terapêuticos, nativas do Brasil. É bem verdade que vegetais importados chegavam constantemente, mas não prosperavam no novo clima, não pela qualidade do solo, mas

⁵⁵ MARQUES, 2003. Percebe-se que esse cirurgião oferecia serviços gratuitamente buscando uma oportunidade de aprendizagem de treinamento prático *até se firmarem em seus ofícios*. Obs.: dados analisados por Nizza da Silva,. In: **Artes e Ofícios de Curar no Brasil**. p. 176.

⁵⁶ NAVA, 2003

⁵⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e Fronteiras**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

⁵⁸ Idem.; p. 90.

[...] pela quantidade de formigas, que, poupando de preferência os da terra, não perdoavam tão depressa aos estranhos. Sertão adentro, faltos [sic] de todo recurso e dessa quase imunidade que só pode nascer de uma onerosa aclimação, os europeus e seus descendentes mais próximos lutavam com dificuldades ainda maiores em face do meio hostil.⁵⁹

Assim é fácil aceitarmos que um lastro de conhecimentos empíricos associados a idéias mágicas e sentimentos de religiosidade amalgamaram o composto das práticas de curas populares, associadas ou não aos conhecimentos quase sempre confusos ou impróprios para a realidade das terras brasileiras.

Sobre magia e religiosidade, seus exercícios e práticas de cura, Laura de Mello e Souza⁶⁰ avaliou que os preceitos ritualísticos estiveram profundamente arraigados na vida cotidiana da população da colônia e, por isso, recorria-se a curandeiros, benzedeiros, feitiçeiros, para buscar resoluções para as mais variadas questões. Assim, eram comumente utilizadas ervas, poções, ungüentos, beberagens, pó de raízes, bolsinhas de pano costuradas e recheadas de bocadinhos diversos (patuás). A historiadora acrescenta que, no Brasil Colônia, estas práticas curativas trouxeram um novo alento para os três séculos de sua existência, pois protegeram, construíram e amenizaram a vida do colono, resignando-o naquele meio de padecimentos em que vivia. Em resumo, feitiçarias, práticas mágicas, adivinhações, benzeduras eram o caminho percorrido para acalantar a vida, buscados de diferentes maneiras no mundo religioso, o mundo mágico era o que socorria. As imagens de santos, rosários, velas de cera, seguidas de súplicas a várias entidades eram também usadas para pedidos de curas e alívios de vários males. Mello e Souza ressalta que, principalmente, africanos(as), índios(as) e mestiços(as) foram os(as) grandes curandeiros(as) do Brasil colonial, uma vez que suas práticas eram envoltas numa áurea de magia, ou seja, impregnadas do não conhecido. Procurar a obtenção de curas por meio do sobrenatural, do mágico, do não explicado ou desconhecido *seduz, ameniza e dá alento*, porque estes caminhos levam a um mundo encantado e, como tão bem percebeu Max Weber,⁶¹ desacreditar no mágico leva ao *desencantamento do mundo*.

⁵⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque, p. 96.

⁶⁰ MELLO E SOUZA, Laura. 1986.

⁶¹ WEBER, Max. Sociólogo, Historiador e Economista, estudioso autor do conceito *desencantamento do mundo*, que em sentido estrito se refere ao mundo da magia e quer dizer literalmente: tirar o feitiço, desfazer um sortilégio, escapar de praga rogada, derrubar um tabu, em suma, quebrar o encantamento. Apud PIERUCCI Antônio Flávio. **O Desencantamento do Mundo**. FFLCH/USP, 2003. São Paulo: USP. Curso de Pós-Graduação em Sociologia. Ed. 34. 2003.

O estudo de Pierucci⁶² sobre o conceito de Weber - *desencantamento do mundo*, proporcionou-nos, entre outras, a compreensão de que a desmagificação, ou a anulação da crença no mágico, *endurece* o homem moderno. Percebemos que o mundo moderno, ao caminhar em busca de explicações puramente racionais, torna-se desencantado, pois está desprovido da substância que fascina: o não conhecido. O desconhecido tem a conotação de mágico, pois não é explicado racionalmente. Ora, acreditar no mágico é confortável, é pacificador e ameniza, como amenizou os colonos nos três séculos de Brasil Colônia.

Segundo Pierucci,⁶³ quanto mais o intelectualismo repele a crença na magia, mais há o *desencantamento no mundo*, pois o faz perder o sentido mágico:

Intelectualização e racionalização crescentes, portanto, ‘não’ significam um crescente conhecimento geral das condições de vida sob as quais alguém se encontra. Significam, ao contrário, uma outra coisa: o saber ou a crença de que ‘basta alguém querer’ para ‘poder’ provar, a qualquer hora, que em princípio não há forças misteriosas e incalculáveis interferindo; que, em vez disso, uma pessoa pode - em princípio - ‘dominar pelo cálculo’ todas as coisas. Isto significa: o *desencantamento do mundo*.⁶⁴

A partir de observações e reflexões em Pierucci, como também em outras fontes, percebemos que o mundo sem uma áurea de *magia* se torna duro para o homem universal, e que este *encantamento* pode estar contido nas idéias e ações do mundo místico. Um mundo menos racionalizado, menos intelectualizado, seria para Weber e Pierucci, um mundo não dominado por explicações determinadas por cálculos. Para ambos, *magia e religião andam misturadas, não havendo assim magia em estado puro, apenas enquanto conceito limite*.⁶⁵ Pierucci reflete em Weber, concordando que *magia* representa um momento anterior às religiões, quando a humanidade vivia *imersa num mundo cheio de espíritos, não essencialmente bons nem essencialmente maus, apenas capazes de influir favorável ou prejudicialmente[...]*. *Uma visão de mundo monista [...]*⁶⁶—*Um jardim encantado dirá Weber*.⁶⁷

⁶² PIERUCCI, Antônio Flávio. **O Desencantamento do Mundo**. Obra - tese na Sociologia - onde o autor analisa detalhadamente o conceito de *desencantamento do mundo* de Max Weber. 2003. p. 7.

⁶³ PIERUCCI, Antônio Flávio. 2003.

⁶⁴ Idem., p. 50-51.

⁶⁵ Idem., p. 69

⁶⁶ Nota: Mundo *Monista* seria um mundo baseado na doutrina que afirma a existência de uma única espécie de substância para a matéria ou o espírito, daí o termo empregado por Weber: *Jardim Encantado*.

⁶⁷ Pierucci. 2003. p. 69.

Ferreira, numa leitura em Weber, reelabora:⁶⁸

Mesmo que Weber tenha dado o tratamento de tipos ideais, na realidade vivida, magia e religião andam misturadas. A magia representa, para Weber, o momento anterior da religião, um estágio onde a humanidade estava imersa num mundo de espíritos. Universo concebido de forma não dual. [...] A religião no Ocidente tenderá a se demarcar por ativa vontade de diferença em relação a magia, assim como, por razões práticas e interesses específicos, o sacerdote tenderá a se diferenciar, demarcando-se ativamente do mago, bruxo ou feiticeiro.⁶⁹

Percebemos que as palavras *mago*, *magia*, *feitiço*, *benzeção*, podem, genericamente, representar um todo, no entender do místico ou do religioso, e isto foi verificado em nossas pesquisas de campo, principalmente pela prática proporcionada pela História Oral, na qual estas palavras aparecem (nas falas das benzedadeiras e parteiras), significando várias vertentes do sagrado, do religioso ou do mágico. Há, é claro, um conceito próprio para cada uma destas ações, entretanto, alguns dos vocábulos acima citados poderão representar idéias de *sobrenatural*,⁷⁰ *místico*,⁷¹ ou ainda, *sagrado*⁷² e *profano*,⁷³ entrelaçados com religião⁷⁴ e magia.⁷⁵

⁶⁸ FERREIRA, Eliane Schmaltz. **Rede Cerrado de ONGs: Novos códigos de Sociabilidade e a Perspectiva de Gênero**. Dissertação de Doutorado. USP. 2002.

⁶⁹ Idem., Diálogo sobre Religião e Magia. UFU. 20. abr. 2007.

⁷⁰ **Sobrenatural**: Numa sociológica sobrenatural é crer na existência de algo que a ciência não provou ou não pode demonstrar existência. As idéias religiosas são assim um exemplo se sobrenatural

⁷¹ **Místico**: *A experiência mística pode ser caracterizada, resumidamente, como uma sensação direta de ser um só com Deus ou com o espírito do universo. O místico tenta transportar o abismo de que a oração e o sacrifício estão a uma grande distância entre Deus e o homem. Em outras palavras: o Místico não sente a existência desse abismo. O Livro das Religiões*. GAARDER, Jostein, HELLERN, Victor, NOTAKER, Henry. Cia. das Letras, 2000. p. 33

⁷² **Sagrado**: A idéia do Sagrado, percebida por Rudolf Otto, exposta no **Livro das Religiões**, p.18, *é aquilo que é totalmente diferente de tudo o mais e que, portanto, não pode ser descrito em termos comuns. É uma força que por um lado engendra um sentimento de grande espanto, quase de temor, mas por outro lado tem um poder de atração ao qual é difícil resistir*. Sagrado para Mircea Eliade, é o oposto do profano (...) algo totalmente diferente, algo que é separado e consagrado, enquanto que **profano** denota aquilo que está do lado de fora do templo.

⁷³ **Profano**: Mircea Eliade denota aquilo que está do lado de fora do templo.

⁷⁴ **Religião**: Prof^a.Dr^a. Eliane Schamaltz Ferreira, explica que na visão de Weber, *Magia e Religião, são dois momentos de um processo cultural, que não é único, nem unívoco, à racionalização religiosa*.

Na obra **O Livro das Religiões**, p. 18, lê-se Religião como sendo uma crença, ou atividade religiosa, entre as várias existente, de difícil definição., assinalando que o *único método construtivo de estudar as religiões é considerar cada uma em seu próprio contexto histórico e cultural*. Expõe ainda uma definição de C.P.Tiele (1830-1902) que: **Religião** *significa a relação entre o homem e o poder sobre-humano no qual ele acredita ou do qual se sente dependente. Essa relação se expressa em emoções especiais (confiança, medo), conceitos (crenças) e ações (culto e ética)*. Os autores da obra acima citada, preferem, ao estudo do conceito, estudar o que seja Religião, observando quatro ângulos: *Conceito(crença), Cerimônia, Organização e Experiência*. p.18.

Tudo isso pode explicar um pouco o porquê de em nosso país a idéia de curandeirismo, benzedoras, feitiçeras, sugerir o dualismo bom/mau. As práticas de curas no Brasil estão profundamente permeadas por pensamentos místicos. Uma mistura de conhecimentos e fazeres diversos, respaldados pela magia, religiosidade popular e remédios fabricados com insumos da flora, fauna e minerais, que foram associados em busca da saúde. Assim é que os ofícios de cura, desde o Brasil Colonial, citados em livros, revistas e códigos criminais, relatam procedimentos pouco familiares, estranhos e dolorosos: sangrias, sanguessugas, supositórios de pólvora e pimenta, ventosas, *remédios secretos ou medicamentos de segredo*⁷⁶ (medicamentos sem licença), comercializados desde o final do século XVII e proibidos após 1810, foram algumas práticas cotidianamente utilizadas. Às vezes, suas fórmulas, quanto mais famosas mais secretas, eram sigilosamente guardadas, e quase sempre levadas para o túmulo, com a morte de seu inventor. Curativos dolorosos associados à flora e à fauna, além do uso de outros componentes minerais e animais, utilizados para o fabrico de pós e elixires marcaram definitivamente a medicina colonial. Um estudo sobre práticas estranhas e asquerosas mostra que foi prescrito *no tempo dos vice-reis*, à uma menina com cólera: *cinco môscas [sic] torradas, dissolvidas numa colher d'agoa [sic] morna, [o que] fel-a urinar em 13 minutos.*⁷⁷

Em algumas fórmulas constavam morcegos, sapos e excrementos, mas a grande maioria era elaborada com ervas da natureza. A maioria da população estava acostumada a remédios retirados da mata, recusando os medicamentos dos médicos e boticas, acreditando serem estes, de *sabor e cheiro estranho*. Vejamos como o costume é solidificado: eram aceitos num hábito comum, o odor e sabor certamente nauseante das beberagens fabricadas no quintal, acrescidas de excrementos, morcegos, sapos; enquanto eram recusadas as fórmulas das boticas ou elixires da medicina. É possível aqui entendermos a aprovação dos estranhos procedimentos como, por exemplo, as lavagens intestinais elaboradas com pedaço de madeira envolvido em trapos embebidos em pinga, pimenta, pólvora e fumo, introduzidos no ânus do doente (tudo isto era buscado na medicina do povo para alívios dos males do trato intestinal, seja de simples verminoses ou a podridão do ânus – *hemorróidas*). Vomitórios preparados com ervas viscosas e amargas era a indicação para vários males do trato

⁷⁵ **Magia:** *Magia é uma tentativa de controlar os poderes e as forças que operam na natureza. Costuma-se encontrar a magia em contextos religiosos, e é difícil traçar uma linha divisória nítida entre a religião e a magia, entre uma reza e um encantamento. A distinção que mais sobressai é o fato de na religião, o indivíduo se sentir totalmente dependente do poder divino.* In: **O Livro das religiões** 2000. op. cit. p. 25.

⁷⁶ MOTT, Maria Lúcia. A arte de Curar. **Revista Nossa História**. São Paulo: Ed. Vera Cruz, 2005.

⁷⁷ FREYRE, Gilberto. 2002. Nota 201. p. 499.

digestivo. Deste modo, não eram o gosto ou cheiro estranho que influenciavam na não aceitação dos remédios das boticas ou médicos, mas sim o que contava era o hábito, persistido nos costumes, passados por tradição. A medicina popular, baseada em grande parte nos ingredientes naturais e sentimentos ligados à fé, está amalgamada num universo mágico-religioso e é este universo curativo que mantém o elo entre religião e magia natural curativa.

As formulações secretas, elaboradas por médicos, boticários ou curandeiros do povo, eram livremente comercializadas e licenciadas num tempo e, em outros, duramente perseguidas e proibidas, mas, quase sempre, praticadas ostensivamente. Autorizadas e legitimadas oficialmente ou preparadas em segredo eram empregadas tanto em cultos de natureza indígena ou em ritos afro-brasileiros, como em tratamentos preparados por médicos e cirurgiões.

Com a criação da Imprensa entre nós, após a vinda da família Real, os reclames de segredos medicinais começaram a aparecer nas páginas de ‘Avisos’ dos recém-fundados periódicos: *Idade d’Ouro do Brasil e Gazeta do Rio de Janeiro*, publicados na Bahia e no Rio de Janeiro, respectivamente. *O Farol Paulistano*, o primeiro jornal de São Paulo, na década de 1820, também estamparia propaganda de remédios secretos.⁷⁸

A grave situação sanitária da Colônia (e também no Império) era, confusa, agravada pelo fato de que havia pouco aparelhamento para enfrentar as várias epidemias, que eram comuns, tais como a varíola, a febre amarela, a peste bubônica, a tuberculose e a sífilis. Tudo transcorria de forma morosa, pois o órgão controlador da medicina de então – a Junta do Proto-Medicato⁷⁹ - criada em 1782, tinha sua sede mantida em Portugal.

Marques⁸⁰ explica que:

Durante a revolução científica, teria havido uma separação entre esses elementos naturalistas e os outros aspectos da magia. As mulheres destiladoras, por exemplo, extraíam princípios ativos de ervas na confecção de remédios caseiros. Simples donas de casa, essas mulheres eram as depositárias de conhecimentos sobre plantas que curam, passados de mãe para filha, e a arte de destilar, naqueles tempos, relacionava-se à idéia mágica da alquimia, sendo repertório delas e de eruditos alquimistas.⁸¹

⁷⁸ MARQUES, Vera Regina Beltrão. **Medicinas Secretas**. In: Chalhoub,(ORG.) **Artes e Ofício de Curar no Brasil** 2003. p. 171.

⁷⁹ Junta do Proto - Medicato. Conforme fonte de Moacyr Scliar. **Revista Nossa História** . São Paulo: Vera Cruz, 2005.

⁸⁰ .MARQUES, 2003. cap. 5.

⁸¹ Idem., p. 182-183.

De toda maneira, curandeiras, benzedeiras e parteiras continuaram sendo constantemente solicitadas e reconhecidas profissionalmente, pois suas infusões com plantas, associadas às rezas e à pouca naturalidade do povo com os serviços do médico, sempre foram reconhecidas no tratamento das doenças. Assim, as mulheres foram encarregadas também dos exames de perícia médica – defloramento, estupro, infanticídio. Doenças de mulheres eram consideradas desprestigiadas socialmente, não sendo apropriado a um médico sério e honrado tratar das doenças femininas. Percebemos este sentimento de preconceito e misoginia guardado no mundo inconsciente do próprio médico e recrudescido durante sua formação, trabalhada para e pelo sistema masculino. A mulher e suas doenças eram vezes que deveriam ser solucionados num âmbito privado, que sugeria sempre o pecaminoso, o não puro. Leituras sobre *Magia e Medicina na Colônia*, no enfoque *corpo feminino*,⁸² indicam claramente o quanto a mulher era desconsiderada:

Além de investir em conceitos que subestimavam o corpo feminino, a ciência médica passou a perseguir as mulheres que possuíam conhecimentos sobre o tratar do próprio corpo.⁸³

A medicina traduzia então as suas poucas descobertas sobre a natureza feminina em juízos fortemente misóginos e desconfiados em relação às funções do corpo da mulher.⁸⁴

No século XIX, comprova-se o desinteresse ao corpo feminino no estudo médico, o que caracteriza o preconceito da medicina realizada por homens. Cruzando fontes, encontramos em Filgueredo,⁸⁵ relatos que confirmam que de fato, os partos em Minas Gerais, no século XIX, eram atividade essencialmente femininas:

O corpo da mulher não poderia ser exposto ao olhar masculino, principalmente em momento tão delicado, como diante das dores do parto, mesmo sendo este olhar um olhar do especialista - do médico. Também [...], os casos de cesariana são raros no século XIX, aumentando, só no final do século com a maior presença da atuação dos médicos e da difusão da anestesia e assepsia. [...] Médicos e cirurgiões ocuparam aos poucos este espaço, mas com muita resistência por parte da parturiente e seus familiares.

⁸² DEL PRIORE, Mary.(Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

⁸³ Idem., p. 81.

⁸⁴ Idem., p. 83.

⁸⁵ FILGUEREDO, Betânia Gonçalves. In: **Revista Nossa História**. Revista Medicina. Ed. Vera Cruz. Ano 2/21.jul., 2005.

Podemos observar que havia uma preferência generalizada pela atuação de mulheres, mulheres parteiras.⁸⁶

Ainda segundo a mesma fonte, asseguramo-nos de que a presença do médico na hora do parto foi iniciada na Europa no século XVIII, mas que só se imporia no século XIX e, mesmo assim, no final do século ainda era maciça a atuação das parteiras nos bairros londrinos.

No Brasil do século XIX, o parto era atividade das parteiras, inclusive com a presença de ex-escravas ou suas descendentes. *São inúmeros os relatos indicando que as parturientes demonstravam preferência pelas mulheres na hora das dores do parto.*⁸⁷

Os anos entre 1820 e 1830, no Brasil Império, foram repletos de impasses e indefinições para o caminho das artes de cura no Brasil e, em dezembro de 1830, é publicado o *Código Criminal do Império do Brasil*⁸⁸ contendo referências e proibições a determinadas práticas de cura, inclusive impondo penas àquelas que executassem ou ajudassem a realizar abortos. Além disto, o Código proibia boticários e sangradores de exercerem suas profissões sem a apresentação e o registro de suas *Cartas de Licença*⁸⁹ (A partir de 1830, nem estas cartas de licença seriam mais expedidas). Havia ainda os curandeiros que eram ignorados, ou seja, nem sequer eram citados nos artigos. Contudo, esse desprezo não os impedia de exercer suas atividades, mesmo sendo consideradas ilegais. Após 1840, estes indivíduos passaram a ser fiscalizados e punidos, mas a própria legislação contradizia-se: *não havendo médico nem farmacêutico, as pessoas que sabiam curar tornavam-se necessárias para ao povo indigente.*⁹⁰ Tal ponto nos leva a reafirmar que terapeutas populares sempre tiveram lugar de destaque na confiança da população, independentemente se havia ou não falta de médicos e cirurgiões.

Em 1840, chega ao Brasil o Dr. Pedro Luiz Napoleão, formado provavelmente em cirurgia, na França (polonês de nascimento). Dr. Chernoviz, percebendo a falta de assistência e apoio à saúde ou de tratamento médico dispensado à população que vivia em zonas agrícolas, afastada das zonas urbanas, e notando o grande interesse do povo por tratamentos vindos da flora, de curandeiros, benzedeiras e parteiras, resolve escrever um dicionário que

⁸⁶ Idem. A autora ressalta que os *dados coletados referem-se às cidades do interior de Minas*, p. 153.

⁸⁷ Idem. p. 155.

⁸⁸ **Código Criminal do Império do Brasil**, parte 3º, título II, seção III, lei de 16/12/1830, Coleção de Leis do Brasil. Apud. Chalhoub, et al. (Org.) 2003. p. 329.

⁸⁹ *Cartas de Licença* Cartas de Autorização concedidas a cirurgiões, dentistas, , boticários, sangradores, parteiras, dando licença nas *curas da medicina prática* . Regimento de 22 de Janeiro de 1810, *Coleção das Leis do Brasil*. SALGADO, Tânia Pimenta. In: Chalhoub, et al. (Org.). 2003. p. 308

⁹⁰ SALGADO, Tânia Pimenta In: Chalhoub, et al. (Org.). 2003. p. 321.

ficou famoso e conhecido como *Dicionário do Dr. Chernoviz* (1ª edição datada de 1842). Tratava-se de um manual elaborado com base na medicina popular, mas embasado nos conhecimentos médicos e empíricos, e acessível, portanto, aos leigos. Foi, durante muito tempo, este Dicionário de Medicina Popular, o apoio a boticários, farmacêuticos e toda a população brasileira.

Todos passaram a consultar os livros de Chernoviz: práticos, acadêmicos, médicos, farmacêuticos e boticários [...]. Para se ter uma idéia da repercussão das obras de Chernoviz, basta lembrar que a legislação mineira do século passado (XX), ao definir as condições básicas exigidas para o funcionamento de um estabelecimento farmacêutico, exigia a existência de algumas obras básicas de medicina, entre estas, o *Formulário* do Dr. Chernoviz.⁹¹

Sobre o livro do Dr. Chernoviz, vale registrar o quão importante ele era para o povo que vivia longe das cidades *ter de amparo um livro como esse*:

Dona Sinhana, de jeito nenhum, aceitava ficar sem os recursos dos remédios que ela sabia aplicar, que o livrão grosso do Chernoviz indicava [...] e vendo o tanto da riqueza dos campos do João Leite, pulou do silhão no chão e foi arrancar suas raízes, panhar suas folhas, tirar suas cascas [...]. E arrancamos, panhamos folhas, tiramos cascas [...] um momento farto e completo de remédio, entre específicos indicados no combate a muitas moléstias. Assim a batatinha do cravinho, um lote delas que, em adjunto com a carobinha, a salsa-do-cupim, o velame branco, é o maior depurativo na cura dos gálicos⁹², a douradinha, que é tomada feito chá, para as urinas; o manacá com o algodãozinho, um que dá uma batata, entrando também o taiuiá, na cura do reumatismo e dor das cadeiras; jurubeba do cupim, assim como a casca do velame branco, feito o infuso, um santo remédio que desvanece o inchaço do fígado e acaba com os empanchamentos; o pé-de-perdiz, o pára-tudo, o milome, o sene, as sete-sangrias [...]. Dona Sinhana sabia aplicar!⁹³

Por volta de 1840 desembarca no Rio de Janeiro o francês Benoit Jules Mure, oficialmente conhecido como o introdutor da homeopatia no Brasil. *Benoit é apontado como o fundador, em 1844, da Escola de Homeopatia do Rio de Janeiro.*⁹⁴

Segundo Weber,⁹⁵ a homeopatia chegou ao Brasil, de fato, em 1840, entretanto, teria sido criada antes de Benoit, pelo médico alemão Cristiano Frederico Samuel

⁹¹ DICIONÁRIO DR. CHERNOVIZ: *Formulário e Guia Médico*. **Revista Nossa História** Medicina. Editora Vera Cruz. Ano 2/ n. 21. jul. 2005.apud. FILGUEREDO,Betânia. 2002. p. 24-25.

⁹² Gálico. Doença venérea, sífilis.

⁹³ BERNARDES, Carmo. **Quarto Crescente** (relembrações). Goiânia, Ed. da Universidade Federal de Goiás. 1985.

⁹⁴ **Revista Nossa História** .2005. p. 26.

Hahnemann, que viveu de 1755 a 1843. Salienta que a difusão da doutrina homeopática efetuou-se com o francês Bento Mure e o português João Vicente Martins, no começo de 1840, e que, em 1842, eles já haviam fundado o Instituto Homeopático do Brasil.

No início do século XX, os médicos formados enfrentavam vários problemas específicos na prática de sua atividade. Muitas especialidades buscavam conhecimentos e tentavam novos procedimentos para resolver problemas até então considerados insolúveis.⁹⁶

A medicina das academias se posicionava, investindo forças nos seus conhecimentos e métodos, mas nem por isto neutralizava as práticas de curas preferidas pelo povo. Em todos os tempos da história da saúde do Brasil, foi o saber popular o grande médico da maioria do povo.

Quanto à prática de curas, entre elas os terreiro de batuques,⁹⁷ podemos dizer que estes rituais afro-brasileiros, ou seitas radicais, e ainda benzedeadas, curandeiros, parteiras, nem sempre estiveram contrariando os procedimentos impostos pela medicina científica, e sim, criavam novas formas de acordo com as necessidades dos grupos sociais, isto é, a partir das crenças de cada povo, seguindo seus costumes, seus saberes, bem como suas possibilidades dentro do modelo social da época.

Vale destacarmos que a medicina natural, ou reconhecida como *medicina popular*, nunca se posicionou como permanente ou estática, ao contrário, apresentou constante caráter de mudanças em suas formas, demonstrando uma grande flexibilidade no que tange aos conhecimentos curativos para a obtenção da cura das mais variadas enfermidades. Assim, o uso de plantas medicinais, benzeduras, simpatias, feitiçarias, curandeirismos, mantiveram-se ativos e intensos, adquirindo nova roupagem através dos anos. É inquestionável a existência bastante significativa de curandeiros nas inúmeras modalidades do exercício da medicina do povo.

No Brasil Republicano, a saúde e os assuntos afins continuaram confusos e, às vezes, caóticos. Disenteria, tifo, varíola, cólera e a tuberculose mantiveram seu rastro mesmo com os avanços tecnológicos, como o uso do microscópio, que propiciou ao século XIX grandes transformações nas ciências médicas. Ao mesmo tempo, práticas populares, baseadas em conhecimentos tradicionais, reorganizavam-se e proliferavam-se nos primeiros anos da

⁹⁵ WEBER, Beatriz Teixeira. **As Artes de Curar**. Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense – 1889-1928. Santa Maria: Ed. da UFSM; Bauru: EDUSC – 1999.

⁹⁶ Idem., p. 92

⁹⁷ Batuques. Prática de negros onde catavam e dançavam aos sons de tambores, canjas, urucungos e merimbas.

República, assumindo uma forma de identidade. Curas buscadas pelo intermédio de benzeções, ou beberagens elaboradas com ervas naturais ou exóticas, eram constantemente praticadas. As benzeções e particularmente os partos executados por parteiras, aprendizes da vida e das necessidades, eram praticados em grande número. *Ajudar no parto e dar os primeiros socorros aos recém-nascidos faziam parte das atribuições do sexo feminino.*⁹⁸

Falar sobre o trabalho das benzedeiras nesse período ou em quais outros é difícil, necessita-se de muita cautela na proposta de uma reconstrução histórica, pois suas vivências não foram documentadas. Sabemos que durante toda a história do Homem universal, as benzeções foram utilizadas cotidianamente, como sabemos, também, que o envolvimento da mulher nessas práticas é defendido como inquestionável. Afinal, elas cuidavam da vida doméstica, dos filhos, dos velhos, dos doentes. É previsível que as formas, as falas, os gestos dessas mulheres tenham se modificado, mas a intenção, o sentido de cuidar, amparar, devolver a saúde perdida, mantêm-se através dos tempos. Nossas pesquisas nos levam a aproximações de seus significados, pois não temos acesso ao tempo real – indiretamente temos versões daquela vivências -, entretanto, há evidência das práticas em que as mulheres estavam entregues às diversas solidariedades.

Durante a epidemia de cólera, houve mobilização da sociedade, e novamente a figura feminina esteve presente, cuidando, dando banhos, arejando as casas, período em que todos os dispositivos políticos administrativos, religiosos, éticos e científicos ficaram expostos, mostrando então que apesar de todos os esforços, que deveriam estar direcionados para um só objetivo – *debelar a doença*, o que era coerente com a proposta de progresso, não foi a direção principal. Agravado pela falta de médicos, enfermeiras, hospitais e, sobretudo, pela ineficácia dos tratamentos médicos, os comportamentos sociais mostraram um outro ângulo:

Um jogo de forças em que noções concorrentes de saúde e práticas terapêuticas disputaram legitimidade social e reconhecimento hegemônico [...]. Um clima de medo, catástrofe e desordem, acabou sendo usada ideológica e politicamente como meio de recompor a harmonia social. [...] Além do caráter de sofrimento e infelicidade, essa doença (cólera) foi construída socialmente como mito pelo qual os grupos dominantes expressaram sua coerção e coesão na organização social. A síndrome do medo do cólera reforçou, enfim, as crenças conservadoras da sociedade, refundindo visões arcaicas e modernas do mal. [...] O cólera, entre outras coisas, ao demonstrar que a desigualdade com respeito à morte coincidia

⁹⁸ MOTT, Maria Lúcia. In: **Revista Nossa História**. jul. 2005. p. 29.

com a desigualdade com respeito à vida, politizou o discurso médico. O foco de atenção do discurso médico passou a ser as condições de vida [...] agora incidia sobre os valores sociais. Operava-se, assim, um deslocamento do objeto, dos conceitos, métodos e práticas da medicina.⁹⁹

Há muitos exemplos de estudiosos que fizeram grandes descobertas no Brasil Republicano: Louis Pasteur, Oswaldo Cruz, Carlos Chagas.

Louis Pasteur (1822-1895) foi o expoente maior dessa revolução, um notável cientista e possuidor de um grande espírito de liderança. Fundou o Instituto que leva seu nome e que se transformou numa grande escola de microbiologia.

Oswaldo Cruz (1872-1917), assumindo cargo na então capital da República, no Rio de Janeiro, de diretor-geral de Saúde Pública, no seu plano de combate à febre amarela, impôs a caça aos focos de mosquitos, que não foi bem recebida pela população diante dos contratempos já então passados naquele momento histórico de grande reforma urbana, centrada no ideal positivista: *Civilizar. Higienizar. Desratização*. Montada brigadas de caça aos mosquitos, tudo isto numa operação de *bota-abaixo*, expulsava muitas pessoas de suas casas, causando um imenso transtorno. No seu ideal de combates aos focos de doenças, Oswaldo Cruz segue no combate à peste bubônica, causada por uma bactéria transmitida pela pulga do rato, promovendo a desratização da cidade. Entre as críticas de *desarmonizar a vida na cidade*, logo foi percebido que as doenças começam a diminuir, e a peste quase é debelada. Em seguida, outro *desastre* para o povo pouco habituado com atitudes preventivas em prol da saúde pública: a vacinação.¹⁰⁰ A campanha contra a varíola, centrada pela obrigação da vacina, foi outro problema para se enfrentar com o povo. É deflagrada a *Revolta da Vacina*, no Rio de Janeiro, em 10 de novembro de 1904,¹⁰¹ *a terceira epidemia no alvo de Oswaldo*

⁹⁹ SILVA DINIZ. In: CHALHOUB. (Org.). **Artes e Ofícios de Curar no Brasil**. 2003, p 358- 360- 383.

¹⁰⁰ CARVALHO, José Murilo. **Os Bestializados**. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. cap. IV.

¹⁰¹ Idem. *A Revolta da Vacina*. A Varíola foi a terceira epidemia durante atuação de Oswaldo Cruz como diretor Geral de Saúde Pública, tendo sido logo obrigatória a vacinação conta o mal. - Vacina de Jenner - introduzida no Brasil em 1801, e resistida sua obrigatoriedade desde os tempos do Império por justificativas de não haver aceitação da teoria microbiana das doenças, como também a não intromissão do governo no domínio da saúde pública, reservado ao poder espiritual. Para o povo a intromissão do governo era *despotismo sanitário*. Em 1904 na obrigatoriedade da vacinação, imposta por lei, é deflagrado um terrorismo ideológico, apontando a vacina como causadora de vários perigos contra a boa saúde. Houve resistência à aplicação da lei com reações violentas por parte do povo, e a revolta foi para as ruas, quando o Exército entra em prontidão – Cavalaria e Infantaria – Ataques, assaltos, tiros, mortes. O governo concentra mais tropas do Exército, Marinha, Brigada, e Bombeiros. O presidente, Rodrigues Alves prepara e impõe resistência: Chegam batalhões de Minas e de São Paulo. Dia 16 de Novembro é decretado estado de sítio. Foram detidas 945 pessoas e algumas deportadas. Concluindo: *A Revolta da Vacina, parece ter tido suas origens na indiferença do governo em relação aos sofrimentos da população.(...) Outra explicação atribui a razão da revolta, à reforma urbana.(...), mas a explicação mais óbvia é, naturalmente, que o motivo da revolta foi a obrigatoriedade da vacina, imposta pelo meio médico*. p. 91-139

Cruz. O povo não aceita a entrada da junta de vacinadores em suas casas, *na intimidade do lar*. Há grande tumulto, assemelhando-se a um cenário de guerra, com muitos mortos e dezenas de prisioneiros. O caos foi debelado com a suspensão da vacina. A imagem de Oswaldo Cruz novamente é vinculada aos transtornos e obrigações não aceitas pelo povo.

Carlos Chagas (1879-1934), discípulo de Oswaldo Cruz, participou da bem sucedida campanha contra a malária e logo sua atenção dirigiu-se para o mal causado pelo inseto conhecido como barbeiro. Chagas descobriu o tripanossomo, parasito unicelular, que foi denominado *Trypanosoma Cruzi*, em homenagem a Oswaldo Cruz. Esta descoberta teve grande repercussão no Brasil e no mundo, ficando o parasito conhecido como *Barbeiro de Chagas*.

Outros profissionais da saúde seguiram o exemplo de Carlos Chagas e a palavra saneamento passou a ser uma causa defendida por vários seguimentos políticos e sociais. Foi criado o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), em 1920, pois até este período as pessoas eram atendidas em clínicas particulares (ricos) ou pela caridade pública, nas Santas Casas. Concomitantemente à criação destes grupos de amparo, havia, ainda, um grande número de pacientes, pobres e ricos, que conseguiam a melhora de suas saúde mediante a sabedoria popular.

Fascinantes mitos e lendas do folclore explicam alguns dos antigos usos medicinais das plantas. Em *Segredos e Virtudes das Plantas Medicinai*s, percebemos que o saber popular se fez presente muito antes do saber científico. Alecrim, camomila, gengibre, babosa, urtiga-branca, zimbro, e milhares de outras plantas fizeram parte do cotidiano dos povos antigos, empregados em inúmeras formas e fórmulas, na saúde e na doença: a Ínula (*Inula helenium L.*), cuja raiz seca atua sobre afecções cutâneas e respiratórias, originária da Europa, é uma dessas:

Inula helenium L.: A Ínula tem um passado maravilhoso. Teofrasto, Dioscorides e Plínio na Antiguidade, Alberto, o Grande, e Santa Hildegarde na Idade Média e Mattioli no Renascimento enalteceram seus méritos, e sua fama manteve-se até a atualidade. Apenas a raiz é verdadeiramente ativa. Depois de colhida, é cortada em pedaços e seca ao sol. Outrora, na Alemanha, possibilitava a fabricação de um vinho de ínula, também chamado *potio Paulina*, em memória da recomendação de S. Paulo a Timóteo para beber um pouco de vinho a fim de curar a debilidade do seu estômago. Na Alsácia, o *reps* é ainda hoje obtido pela maceração da raiz de ínula em mosto.

O *Helenium* deriva de *helenion*, nome grego da planta, que, por sua vez, parece derivar de *Elenê*; segundo a lenda, a planta nasceu das lágrimas de Helena, mulher de Menelau, causa da Guerra de Tróia.¹⁰²

A tradição de cura popular conseguida por meio de medicamentos elaborados com elementos da natureza permaneceu, valorizando a abundante e variada flora do Brasil. Nosso reino vegetal sempre foi utilizado, estudado e citado por vários especialistas da área, como exemplo, Sérgio Buarque de Holanda,¹⁰³ que se refere a vários espécimes empregados na arte de curar.

Até próximo aos anos de 1930, os espaços determinados para atendimento médico científico conviviam, às vezes, com diversas outras práticas de cura: médicos, irmãs de caridade católicas, provedoras e administradoras, além de familiares dos doentes que inseriam ali mesmo receitas baseadas em chás e infusões de ervas. *Estabeleciam complexas relações sociais no universo da cura.*¹⁰⁴

O governo Getúlio Vargas (1930-1954), é marcado por grande apoio da Igreja Católica, marcado também por criações de leis de proteção ao trabalhador e *modificações no campo da organização de saúde do Estado.*¹⁰⁵ Percebemos, de fato, o progresso da medicina social, pois somente a partir de Getúlio Vargas assumir o governo, *pôde-se cogitar uma inserção mais significativa dos médicos na organização social [...]. O exercício da Medicina e profissões afins somente foi regulamentado, em 1932, por decreto do Governo Provisório da República.*¹⁰⁶

A partir de 1930, com a industrialização e urbanização do país, a assistência médica aos trabalhadores ganha atenção dos órgãos previdenciários, e os cidadãos de baixa renda – trabalhadores e suas famílias – são atendidos em órgãos estaduais de saúde, configurando, dessa maneira, o atendimento médico-hospitalar gratuito, prioridade do governo o Vargas. A revolução de 1930 e a Constituição de 1934 mostram um caminho de democracia a ser trilhado, na etapa do governo Vargas, que se manteve legitimamente no poder durante o governo provisório, foi eleito (indiretamente) em 1934, deu o golpe em 1937 e permaneceu no poder até 1945.

¹⁰² **Segredos e Virtudes das Plantas Medicinais.** Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil Ltda., 2002. p.19.

¹⁰³ HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **A Época Colonial:** administração, economia, sociedade. In: História Geral da Civilização Brasileira. São Paulo: Bertrand Brasil, 1985// Holanda. **Raízes do Brasil.** in: *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

¹⁰⁴ WEBER, Beatriz. 1999. p. 117

¹⁰⁵ Idem, p. 119.

¹⁰⁶ Idem, p. 121.

O período que se iniciou em 1945 e terminou em 1964 delineou-se com inúmeras mudanças – a modernização do país proporcionou uma certa participação da população no processo político e nos movimentos sociais, inculcando no povo a conscientização de direitos trabalhistas, que foram amparados por organizações, como a dos Institutos de Aposentadoria e Pensões. A saúde coletiva passa a ser responsabilidade do Ministério da Saúde e órgãos estaduais, inclusive a distribuição das vacinas. A população rural irá se beneficiar do sistema de saúde a partir de 1960, quando há a expansão da cobertura do Sistema de Saúde.

Dando coesão à história política dessas duas décadas, sintetizamos o tempo, referenciando-o através de seus governos: Juscelino Kubitschek vencerá em 1955, Jânio Quadros derrotará este esquema em 1960. João Goulart será vice-presidente em 1955, conquistando a presidência em 1961, com a renúncia de Quadros.

Voltando à década de 1950, um marco de várias mudanças no qual o país ingressa, num cenário político democrático, mesmo com a precariedade institucional, política e social, o período é determinado pelo fato que muito nos interessa aqui: aquele que busca os direitos de igualdade entre homens e mulheres. É proclamada, pela Assembléia Geral das Nações Unidas, a lei da contracepção (votada em 1967). A partir daí, há progressos na medicina, que dispõe atenção para a mulher, preocupando-se então com o bem-estar físico feminino, como o tratamento da menopausa, alimentação orientada, exercícios físicos, entre outros.

Com todas as mudanças acontecendo no país, a cidade de Ituiutaba também caminha para grandes progressos:

Na década de 50 [sic], o município de Ituiutaba primava pela economia centrada na agricultura. [...] Entre as décadas de 50 e 60 [sic], é também possível constatar que houve um aumento acentuado da população urbana [...] e que a razão não se encontra apenas na redução da população rural.¹⁰⁷

Segundo Nauk,

Em 1967, os antigos IAPs foram unificados no Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), com a incorporação, para efeito de assistência médica, de todos os trabalhadores com carteira de trabalho assinada, além de autônomos que desejassem contribuir para a previdência social. Em 1973 foi formulado no Brasil o Programa Nacional de Imunizações (PNI), que teve como uma de suas grandes inovações a criação do Dia Nacional de Vacinação contra Poliomielite, introduzido em 1979 e apoiado pelo

¹⁰⁷DUARTE, Márcia Querobina Santos. **Raízes Rurais na Vivência Urbana:** Persistências, desistências, recriações. Ituiutaba – 1970-1985. Dissertação de Mestrado em História Social. UFU. 2001. p. 22-28- 30.

descobridor da vacina oral contra a pólio, Albert Sabin. A Constituinte de 1988 introduziu o Sistema Único de Saúde (SUS), constituído por instituições públicas (União, Estados e Municípios), e, complementarmente, pelo setor privado contratado e conveniado.¹⁰⁸

O Brasil e região do pontal do Triângulo Mineiro, no curso de 1970 e 1985, sofrem alterações tanto no campo quanto na cidade. Duarte acrescenta ainda que *no campo, os projetos governamentais de extensão rural, a concentração de terras, o avanço sobre o cerrado, a prioridade dada à pecuária em relação à agricultura, provocaram a saída dos trabalhadores rurais para as cidades próximas.*¹⁰⁹

A saúde no Brasil atual exige novos desafios, que ainda não conseguiram ser vencidos: aids, cólera, dengue, além da tuberculose, doença associada à aids, e das doenças químicas dependente. Diante dos avanços tecnológicos do século XXI, há a permanência dos saberes populares, bem como a persistência da arte curativa. Há, ainda, em grande atividade, as criações e recriações de fraternidades – as doadoras de sua dádiva – benzedeadas e parteiras, objeto central de nosso trabalho. Mulheres que, por meio de sua certeza e fé, de seus conhecimentos, fortificados pela sua sensibilidade e alimentados pela experiência e observação do cotidiano, conseguem amenizar a dor e o sofrimento do próximo.

Análises antropológicas, relatos, estudos sociais, mostram que em quase todos os lugares, o exercício das práticas de curas alternativas estão repartidos harmoniosamente entre homens e mulheres, mas o cuidado com crianças, doença de mulheres e, principalmente, os partos são, sem dúvida, um caminho que levam ao mundo feminino.

Ela se mostra especialista no conhecimento do reino vegetal: isso pôde ser constatado pelos exploradores do século XIX, mas ainda seja mais verdadeiro nesses tempos longínquos, que nos interessa aqui, quando o homem ia caçar, e a mulher colhia plantas diversas para cozinhar, preparar bebidas, fazer curativos e cicatrizar as feridas. Pouco a pouco, ela foi percebendo que certas plantas produziam tal ou tal efeito: e assim descobriram as plantas medicinais e suas propriedades.¹¹⁰

Eis a medicina da fraternidade, da doação, da fé, da crença e da tradição, ou seja, a medicina das ervas e benzeções. Tudo isto fala muito mais ao espírito popular que a medicina

¹⁰⁸ NAUK, Maria de Jesus. Os remédios cruéis da Colônia In: **Revista Nossa História**. Ano 2, n. 21. 2005. p. 19.

¹⁰⁹ DUARTE, 2001. p. 24.

¹¹⁰ DALL'AVA – SANTUCCI. 2005. p. 25.

oficial, pouco acessível e exercida por meio de um sistema de assistência hospitalar ainda mecânico.

Em síntese, entre as mulheres, houve trocas de informações, reinvenções de medicamentos com o intuito de se chegar rapidamente à cura de doentes. Desse modo, podemos asseverar que o processo de desenvolvimento da arte de curar e de proteger dessas mulheres não seguiu um caminho linear e tranquilo.

A arte de curar incorporou procedimentos ocultos e naturais da magia, como também de ritos cristãos, rompendo, assim, as fronteiras entre a magia e a ciência. A tradicional arte de curar, utilizando plantas, fê, falas, magias, permanece viva no consciente e inconsciente de muitos homens e mulheres, pois estão sedimentadas, amalgamadas de tal forma que não há lugar para explicações puramente racionais. Entretanto, pensando nessa *medicina mágica*, percebemos, cada vez mais, caminhos possíveis para explicar muitos fenômenos tidos como do sobrenatural. Exemplo disto está nas análises do psicossomático, que entra no domínio do racional, indicando que ciência e ser humano de fato não são a mesma coisa.

Essa insurreição surda e latente, praticada cotidianamente, continua estabelecida, seja através de palavras e sussurros, gestos de amparo e carinho, ou chás e flores. Continuam os cataplasmas de flores e folhas de amor-perfeito que, socadas e fervidas com leite, são carinhosamente empregados para tirar a crosta de cabeça de bebê. *E nos olhinhos, pode passar uma infusão de compressas de rosa branca.*¹¹¹

A mulher continua um caminho já muitas vezes trilhado por suas antecessoras, pois está nela guardado como resíduo, as práticas exercitadas durante milênios. Conserva-se sensível e treinada a observar, mantém tão cristalizado em si a necessidade e o desejo de cuidar, amparar, que tudo parece fazer, de fato, parte dela mesma. Procurando conhecer melhor os meandros desse modelo de recepção, buscamos, nas construções literárias, algumas visões sobre o feminino: Elódia Xavier, Zimbatist Rosaldo, Louise Lamphere, Margareth Rago, Maria Pedro, Lya Luft e, também, em Clarice Lispector.¹¹²

¹¹¹ Receita de Dona Jeza, benzedeira. 64 anos, mulata, iniciou suas benzeções quando *mocinha*. Viúva, cuida, de parentes doentes e dá assistência aos filhos casados, noras e netos.

¹¹² XAVIER, Elódia. **Tudo no Feminino** - A mulher e a narrativa brasileira contemporânea. Rio de Janeiro, 1991; ZIMBATIST, Michele Rosaldo e LAMPHERE, Louise. **A Mulher e a Cultura e a Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979; RAGO, Luzia Margareth. **Do Cabaré ao Lar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985; PEDRO, Joana Maria. **Práticas Proibidas**. Práticas costumeiras de aborto e infanticídio no séc. XX. Florianópolis: Cidade Futura, 2003; LUFT, Lya. Quarto Fechado. In: **Tudo no Feminino**. Rio de Janeiro, 1991; LISPECTOR, Clarice. Laços de Família. In: **Tudo no Feminino**. Rio de Janeiro, 1991; MURARO, Rose Marie. **Textos da Fogueira**. Brasília: Letraviva, 2000.

Elódia Xavier,¹¹³ num estudo sobre a literatura brasileira, afirma haver diversas definições do termo feminino, mostrando que uma longa tradição indica tais conceitos encaixados em sinônimos relativos à delicadeza, à superficialidade, e sabemos, enfim, às relações *sentimentalóides* da mulher. Obviamente, reconhecemos e que há especificidades, tanto no discurso literário como no histórico, mas sabe-se que tanto a ficção como a história são construções de linguagem, sujeitas, portanto, a interpretações íntimas de quem as buscam.

Pelo intermédio de Xavier, observamos o mundo feminino construído por Lya Luft,¹¹⁴ que tem criado muitas personagens femininas reprimidas, mulheres que renegam sua vontade, cedendo à amalgamada condição feminina, àquele tão cantado *destino feminino*. Luft, em *Quarto Fechado*, constrói um feminino cerceado, uma mulher dividida: a personagem abandona seu talento de pianista para casar com o homem que ama – um conflito próprio da sociedade patriarcal e vivenciado por muitas mulheres ainda na atualidade. Certamente Luft não compartilharia na vida real um cotidiano que a impusesse tal sujeição, mas o faz, manipulando o personagem, para torná-lo próximo do *real*. Este modelo de mulher ainda é vivido por muitas, e é crível, infelizmente, não só na ficção.

Ainda examinando fontes de Xavier,¹¹⁵ atentos às personagens criadas por Lispector,¹¹⁶ percebemos que, de fato, a condição feminina é problematizada sempre num mundo de conflitos interiores. As mulheres que Lispector (re)cria têm quase sempre a sensação de confinamento em relação ao lar – preferindo ficar dentro dele, cumprindo seu destino, a viver o mundo da mulher lá fora. Simone de Beauvoir reconhece-as como mulheres que vivem cercadas entre o *destino de mulher* e a *vocação de ser humano*, concluindo que o privilégio do homem está no fato que sua vocação de ser humano não contraria seu destino de macho. É preciso, diria Beauvoir, para vencer esta barreira, opor-se à condição feminina, debater-se com o *destino de ser mulher*. Sobre este *debater-se*, numa oposição à condição feminina, este *opor ao destino de mulher*, será explorado mais à frente, junto à análise do exercício da subjetividade da feminina.

Segundo Lamphere,¹¹⁷ e confirmando o que foi verificado, a personagem de Lispector é, ao mesmo tempo, *história e ficção*, indicando que realmente em muitas sociedades o mundo doméstico pertence às mulheres e o mundo público e político aos

¹¹³ XAVIER, Elódia. **Tudo no Feminino**. 1991.

¹¹⁴ LUFT, Lya. In: XAVIER Elódia. 1991.

¹¹⁵ XAVIER, Elódia. 1991.

¹¹⁶ LISPECTOR, Clarice. In: XAVIER Elódia. 1991.

¹¹⁷ ZIMBATIST, Michele Rosaldo e LAMPHERE, Louise. **A Mulher a Cultura a Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 121.

homens. Em termos dos valores, reconhecidos ou não, Muraro¹¹⁸ justifica essa observação acrescentando que: *Não é fácil trazer os valores de solidariedade e de partilha para dentro de um mundo competitivo. Isto porque esses valores são desqualificados no seio da competição.*¹¹⁹

Salienta, entretanto, que: *É a mulher que possui, conserva e traz os valores arcaicos da solidariedade e da partilha para a cultura moderna.*¹²⁰

Zimbalist, sobre a mulher na sociedade, pondera:

O que talvez seja surpreendente é o fato de que noções culturais sobre as mulheres, freqüentemente giram em torno de características biológicas ou naturais: fertilidade, maternidade, sexo e menstruação. E as mulheres, como esposas, mães, bruxas, parteiras, freiras ou prostitutas, são definidas quase exclusivamente em termos de suas funções sexuais.¹²¹

Sobre o universo feminino, Rago¹²² afirma que há um universo feminino próprio, diferente do mundo masculino, mas não inferior, porém regido por outra lógica e racionalidade, igualmente construído pela cultura, e que Norbert Elias entende usando outros caminhos, explicados no chamado *processos de civilização*.¹²³ Elias acentua que os seres humanos não são civilizados por natureza, mas

[...] possuem por natureza uma disposição que torna possível [...], uma auto-regulação individual [...]. O processo universal de civilização individual pertence tanto às condições da *individualização* do ser humano singular como às condições da vida social em comum dos seres humanos.¹²⁴

Muraro,¹²⁵ ao evidenciar que é a mulher que *possui, conserva e traz os valores arcaicos da solidariedade e da partilha para a cultura moderna*, entra na argumentação sobre

¹¹⁸ MURARO, Rose Marie. 2000.

¹¹⁹ Idem., p. 184.

¹²⁰ Idem., 184.

¹²¹ ZIMBALIST e LAMPRHRE, 1979. p. 48.

¹²² RAGO, Luzia Margareth. 1985. p. 4.

¹²³ ELIAS, Norbert. 2006. p. 21

¹²⁴ Idem., p. 21.

¹²⁵ MURARO. Rose Marie. 2000.